

Estudos de imaginário do jornalismo no Brasil

Otávio Daros

Imaginary studies of journalism in Brazil. *This article intends to examine, in a documented and systematized way, the main contributions of scholars of the imaginary to research in journalism in Brazil, since the mid-1990s. It begins by presenting the idea of Juremir Machado da Silva (“journalism as an operation of information and mythologization”), followed by Vera França (“journalism as a form of sociability”), both postgraduates under Michel Maffesoli’s supervision, in France. Then, the theses of Gislene Silva (“journalism as a mythic-symbolic manifestation”) and Ana Tais Barros (“journalism as a potential generator of myths”) are discussed, authors also affiliated with the French tradition initiated by Gilbert Durand, in the 1960s. The article seeks to examine the specific findings of each research, while promoting comparison between them, to highlight both the similarities and the differences in the way of conceptualizing the news media. The strongest conclusion is that, despite the theoretical repertoire shared by Brazilian academics in the area — notably around the anthropological theory of the imaginary and the sociology of everyday life — their journalistic analyses show conflicting results on the phenomenon in contemporary times.*

Keywords: Imaginary studies, Journalism studies, Anthropology of journalism, Everyday life sociology, Anthropological theory of the imaginary.

1 Introdução

Ao revisar as tendências da pesquisa em jornalismo no Brasil, Luiz Gonzaga Motta (2005) tratou dos conflitos entre dois paradigmas que teriam marcado os estudos desenvolvidos no país, desde a institucionalização dos cursos de pós-graduação. O primeiro seria hegemônico, à medida que predomina desde os anos 1960, comportando abordagens até antagônicas, como o estruturalismo, funcionalismo e marxismo. Haveria, nesse paradigma, a visão de que o jornalismo está submetido às determinações político-ideológicas do empresariado e que, por isso, os meios de informação agem para manipular as massas.

Paralelamente, teria ganhado consistência teórica e metodológica outro paradigma, que seria contra-hegemônico. O foco analítico seria deslocado para as relações entre os interlocutores, em vez de estar centrado na mídia. Aqui, “o foco da análise deve estar na contradição entre a intenção de objetividade e a presença de elementos estéticos e subjetivos (na linguagem jornalística) que revelam estímulos ao imaginário do leitor” (Motta 2005, p. 4).

O presente artigo tem por objetivo analisar um grupo singular de contribuições que podem ser acomodadas dentro do quadro descritivo deste

segundo paradigma (ver Motta 2003, p. 14). Trata-se do conjunto de estudos inscritos na teoria da antropologia do imaginário de Gilbert Durand (1997), fundada na década de 1960. Mas também na sociologia do cotidiano de Michel Maffesoli, seu discípulo. Para quem, “o imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável”; ou ainda, a partir de leitura da obra de seu mestre, “é a relação entre as intimações objetivas e a subjetividade” (Maffesoli 2001, p. 75, 80).

Quer-se examinar, de modo documentado e sistematizado, as principais contribuições dos estudiosos brasileiros do imaginário para a pesquisa em jornalismo. Significa que não se pretende avançar com revisão em torno das conceituações de imaginário e cotidiano expostas por eles, mas averiguar como, filiados a esta escola francesa, os acadêmicos brasileiros conduziram suas análises dedicadas à imprensa, bem como que ideia de jornalismo emerge delas. Ao mesmo tempo, trabalha-se para comparar os achados apresentados por eles.

Visando à delimitação do objeto da investigação (os estudos de jornalismo), o artigo se restringiu à análise das teses e ensaísticas de quatro autores: a começar por Juremir Machado da Silva e Vera França, pós-graduados na França, na década de 1990. Mostra-se como o primeiro elabora ideia do “jornalismo como operação de informação e mitologização”, enquanto a segunda pensa o “jornalismo como forma de sociabilidade”. No entanto, como se evidenciará, são visões que se revelam divergentes.

Em seguida, a investigação busca examinar as contribuições daquelas que apresentaram continuação dos estudos dessa linha: Gislene Silva (“jornalismo como manifestação mítico-simbólica”) e Ana Taís Barros (“jornalismo como potencial gerador de mitos”). Mostra-se como, usando técnicas de pesquisa antropológica, elas chegaram a conclusões distintas sobre o fenômeno noticioso.

2 Jornalismo como operação de informação e mitologização — Juremir Machado da Silva

Doutor pela Universidade Paris Descartes, em 1995, Juremir Machado da Silva retornou ao Brasil, onde iniciou carreira acadêmica na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, destacando-se como crítico da mídia e estudioso do pensamento contemporâneo francês. Firmou-se como interlocutor das contribuições de nomes como Edgar Morin, Guy Debord, Jean Baudrillard, Dominique Wolton e Michel Maffesoli, este último o orientador da sua tese.

De seus inúmeros ensaios, como se pretende evidenciar a seguir, pode ser extraída a ideia é de que a mídia noticiosa se constitui em uma tecnologia “inseminadora” de imaginários, que opera na ambiguidade entre informação e mitologização. Apesar da cobertura jornalística somente se efetivar com a geração de descobrimento em relação aos acontecimentos noticiados, um olhar mais atento à imprensa brasileira revelaria que nem sempre este é o caso. Conforme o autor, o que existe não é um movimento uniforme: em certos momentos, o jornalismo cumpre seu papel como um dispositivo de descobrimento, porém, noutros, movido por interesses ideológicos, o mesmo atua a favor de novos encobrimentos¹.

A miséria do jornalismo brasileiro: as (in)certezas da mídia (2000) reúne algumas de suas primeiras reflexões nessa direção, lançando crítica à imprensa tradicional e a seus profissionais que teriam se deixado engolir pela cultura dos tabloides e do sensacionalismo. Todavia o seu apontamento número um é endereçado antes aos acadêmicos da comunicação do que aos jornalistas, por não terem colocado limites à “oposição binária” presente no modelo analítico herdado da Escola de Frankfurt.

Segundo ele, na abordagem concebida pelos teóricos críticos, o “mercado, com frequência, vira sinônimo de manipulação e de conspiração”. Porém, não perceberam que “o mercado é também pluralismo, diversidade e antagonismo”

¹ Sua análise sobre a cobertura da revista *Veja* no governo Lula serve para ilustrar o caso. Mostra-se como, em um primeiro momento, apesar do compromisso político, as reportagens atuaram no sentido de descobrimento. Depois, teriam passado a um encobrimento, aderindo ao denunciamento (ver Silva, 2006). Outro exemplo pode ser conferido no seu estudo do imaginário jornalístico na abolição da escravatura (ver Silva, 2017).

(Silva 2000, p. 25). À vista disso, o jornalismo poderia ser melhor pensado como uma “rede de favores trocados, rede de conivência”, em vez de meramente uma rede de informações (Silva 2000, p. 12-13).

O que se visualizou, contudo, nesse primeiro conjunto de ensaios, não foi um pensamento livre de “oposição binária”, inserindo o jornalismo em discussões passageiras entre informação e desinformação, parcialidade e imparcialidade etc. Há também argumentos contraditórios, pois, ao mesmo tempo que se reclama de visões continuamente manipuladas, afirma-se que a mídia é responsável por eleger “seus representantes para influir em todos os níveis da política” (Silva 2000, p. 23-25). Sem entrar a fundo na análise do fenômeno jornalístico em si, restringe-se a ficar no campo de novas provocações, tais como: “o jornalismo parece começar onde termina o pensamento” (Silva 2000, p. 139).

O estudioso entrega uma contribuição teórica mais sofisticada em *As tecnologias do imaginário* (2003). Neste segundo trabalho, adverte-se que a manipulação nem a censura serviriam para caracterizar o jornalismo contemporâneo, visto que o perigo viria cada vez mais daquilo que se esconde sob o ideal da exatidão. A cobertura jornalística, pretendendo ser totalmente objetiva e precisa, acabaria por não alcançar a verdade, ou pelo menos dar conta da complexidade, dos acontecimentos em tempos de aceleração tecnológica.

O estudo procura ainda aprimorar a crítica anterior destinada aos teóricos frankfurtianos e à sua abordagem enfocada na manipulação da informação veiculada pelos meios de comunicação, tratando as massas enquanto objeto passível de manobra. Esgotada a discussão em torno das tecnologias do controle, teria chegado a hora de falar em tecnologias do imaginário, pondo a ênfase nos aspectos de espetacularização e de sedução.

A essência da técnica jornalística (em sua fase midiática), como espetacularização, ameaça a cobertura como descobrimento, limitando-se à revelação do evidente, o exato. [...] O exato sufoca a verdade. A regra (técnica) impede a novidade narrativa. O perigo, no jornalismo, já não vem tanto da manipulação, mas do privilégio à exatidão em lugar da verdade (aquilo que se esconde sob o exato). Se a produção da técnica moderna funciona como provocação, a técnica jornalística pós-industrial (fase do virtual) funciona como espetacularização (Silva 2009, p. 16).

A sociedade midíocre: passagem ao hiperespetacular (2012), seu terceiro conjunto de ensaios, representa a radicalização deste pensamento pós-moderno e marca a cristalização de uma sociedade de mídia, como estágio avançado da sociedade do espetáculo. O jornalismo aparece, aqui, no entanto, já como ator coadjuvante na dinâmica social, sucumbido pelas novas tecnologias da comunicação, e convertido em um produto à venda pela lógica do entretenimento na internet. A informação já não seria mais a sua principal função, restando-lhe a função de distrair o público (Silva 2012, aforismo 148).

3 Jornalismo como forma de sociabilidade — Vera França

Também formada pela Universidade Paris Descartes, Vera França tornou-se referência no campo brasileiro de teorias da comunicação (ver França 2001), mas antes deixou contribuição isolada para a pesquisa em jornalismo. Trata-se de *Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro* (1998), sua tese de doutorado defendida em 1993. A análise dedicada à imprensa de Minas Gerais remonta à dissertação de mestrado em antropologia social e sociologia comparada, pela mesma instituição, intitulada *La mineiridade sous presse: la construction symbolique du journalisme dans l'espace de la socialité mineira* (1990).

Conta que a pós-graduação sob tutela de Michel Maffesoli representou um “novo capítulo” em sua formação, “até então muito configurada pela rigidez da teoria crítica e pela ênfase nas relações de dominação”. A convite da sociologia do cotidiano de Maffesoli, a acadêmica foi apresentada ao conceito de sociabilidade de Georg Simmel, sendo conduzida “a pensar na comunicação enquanto dinâmica de laços, encontros, conflitos”, bem como “buscá-la nas pequenas situações do dia a dia, num cruzamento permanente entre a experiência cotidiana dos sujeitos e o trabalho da mídia” (França 2016, p. 215).

Sua proposta para o doutorado foi analisar a história do jornal *Estado de Minas*, fundado em 1928, e compreender as relações afetivas que os leitores estabeleciam com o meio, desde seu contexto cultural. Para atender aos objetivos da investigação, a autora julgou necessário adotar duas estratégias metodológicas distintas, visto que uma se constituiu em abordagem comparativa de ordem mensurativa, enquanto a outra possui natureza qualitativa.

Primeiro, França investiu em exame morfológico do jornal, em referência ao trabalho metodológico iniciado por Jacques Kayser, antiga liderança do Instituto Francês de Imprensa, e continuado por seus colegas a exemplo de Maurice Mouillaud — com quem a professora da Universidade Federal de Minas Gerais nutriu amizade intelectual e desenvolveu parceria acadêmica no Brasil². Após tabular os componentes do periódico, entrevistou diferentes moradores de Belo Horizonte que acompanhavam o noticiário, assim como coletou depoimentos de seus jornalistas. Ou seja, uma tentativa de combinar a análise do conteúdo jornalístico com relatos dos interlocutores do diário.

O exame do fenômeno foi antecedido pela descrição dos aspectos da vida social em Minas Gerais, levando em consideração que, para a estudiosa, “a existência do jornal é enraizada na história e nas características da cidade de Belo Horizonte e imersa numa atmosfera emocional particular” (França, 1998, p. 61). Convém observar, no entanto, que relatar os aspectos culturais do ambiente de circulação do periódico é diferente do que desenhar a trajetória do *Estado de Minas*, o que foi enunciado como objetivo da tese.

A argumentação que permeia a análise é de que as imagens oriundas da vida social tecem as relações entre os produtores e os leitores do discurso jornalístico. Por manter sintonia com a dinâmica da cultura local, sobretudo a imprensa regional fortaleceria a tradição de seu povo em vez romper com os valores e costumes herdados. Por isso, tal imprensa se conduziria “por uma linha mais propriamente simbólica do que jornalística” (França, 1998, p. 222). Em conclusão, o *Estado de Minas* cumpriria a função para qual é invocado: ser um guardião da cultura mineira.

Entretanto, é preciso observar, ele não constitui a expressão e não sintetiza um “Espírito” acabado de Minas ou da mineiridade — que, aliás, não existe por si própria, como dissemos desde o início. Constitui apenas uma das manifestações dos pequenos espíritos que compõem a grande imagem de Minas. É em suas diferentes materializações, e porque essa imagem é plural, que ela pode vivificar suas diversas criações. Entre elas, o jornal *Estado de Minas* (França 1998, p. 241; ver também França, 1995).

² “A vinda de Mouillaud ao Brasil foi muito frutífera; ele reencontrou ex-alunos e, através de uma articulação feita com a ajuda da direção da Compós, ministrou cursos em vários programas de pós-graduação no país. Desse reencontro com o Brasil surgiu o livro *O jornal, da forma ao sentido* (Mouillaud, 1997), organizado por Sérgio Porto” (França, 2016, p. 216).

Mais do que informar, o jornalismo teria o papel de comunicar a partir de experiências coletivas, relações pessoais e fatos cotidianos. Há nele esse potencial para agregação social, pois se constitui em dispositivo capaz de representar e guardar as manifestações que compõem a identidade de certo grupo. Portanto, tal ideia de jornalismo é distinta daquela exposta por Juremir da Silva, em que pese terem ambos se formado sob a mesma orientação intelectual.

O que Silva enfatizou foi o jornalismo na pós-modernidade como forma de espetacularização. O noticiário não representaria a realidade, antes a falsificaria por meio de uma operação ambígua. Todavia a manipulação não se daria pela imposição da mentira, mas pela omissão da verdade. Convertido em mídia interativa, o jornalismo seria incumbido da produção de informações visando meramente o preenchimento do tempo vazio, em uma sociedade que não é mais a da comunicação, mas da “incomunicação” (Silva 2012, aforismos 17-27).

4 Jornalismo como manifestação mítico-simbólica — Gislene Silva

Entre a abordagem de Vera França e a de Juremir da Silva, nota-se que a pesquisa de Gislene Silva está inclinada para a linha interpretativa que configurou a tese da primeira acadêmica, sublinhando a presença “viva” dos interlocutores nos processos midiáticos. Conforme a professora da Universidade Federal de Santa Catarina, “as notícias trazem para a vida cotidiana toda a diversidade do mundo, da política e economia à arte e entretenimento, incluindo as próprias ocorrências ordinárias, do dia-a-dia” (Silva 2010, p. 249).

Esta ideia de jornalismo é sustentada em *O sonho da casa no campo: jornalismo e imaginário de leitores urbanos* (2009), sua tese de doutorado em ciências sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, defendida nos anos 2000. O objetivo foi compreender o desejo compartilhado por leitores da revista *Globo Rural* de abandonar a vida levada na cidade grande e migrar para a zona rural. Filiando-se à antropologia social, a pesquisadora entrevistou e documentou a vida de assinantes da publicação especializada em atividades agrícolas, na qual inclusive a própria atuava como repórter.

Estudando a revista *Globo Rural*, meu local de trabalho, a Antropologia me fez entender que muitas pessoas que assinam a revista não o fazem na perspectiva de quem está vendendo e produzindo, somente econômica. A equipe da revista oferecia matérias para pessoas que vivem, produzem e comercializam na área rural. Mas havia uma parcela grande dos leitores que vivia na metrópole, não tinham terras e não plantavam, nem mesmo uma plantinha na varanda, mas assinavam a revista. Depois a *Globo Rural* migrou para uma linha editorial voltada para o *agrobusiness*, com a ideia de que eram as pessoas do agronegócio que comprariam a revista, que assim a publicação venderia mais (Silva 2019, p. 128-129).

Embora a tese forneça um estudo de recepção sobre os leitores metropolitanos — o que é diferente de um estudo focado no jornalismo em si —, não quer dizer que nela não conste achados pertinentes à reflexão do fenômeno. Até porque na pesquisa se pretendeu, em alguma instância, verificar quais são as leituras possíveis de produtos simbólicos de massa, e especificamente como a publicação da Editora Globo desperta nos leitores sensações experimentadas e imaginadas por eles no passado.

À medida que os personagens e suas histórias “ganham destaque nas aberturas do texto e nas fotos mais que os números da sua produção e rendimentos”, a estudiosa suspeita que, “em casos específicos, matérias jornalísticas são capazes de provocar sensações estéticas ricas e nutrir muitos espíritos desejosos de experiências transcendentais”. Nesse sentido, “algumas matérias jornalísticas conseguem, dentro de suas próprias limitações e precariedade, alimentar em seus leitores o imprescindível luxo da fantasia e experiência poética” (Silva 2009, p. 293). À vista disso, as notícias são percebidas como construtoras de sentidos que respondem também a demandas subjetivas.

O que se tem, aqui, é o início de uma proposta de estudo inserida no campo da produção e circulação de sentidos pela mídia. Nela, o jornalismo é visualizado como narrativa de dimensão simbólico-mítica, a partir de Elizabeth Bird e Robert Ward Dardenne, ao mesmo tempo, enquanto mediação cultural na formação das memórias coletivas, com base nas contribuições de Jesús Martín-Barbero e Stuart Hall. A partir deste aparato teórico-metodológico, “as notícias poderiam ser alvejadas não apenas com o olhar quase sempre reducionista do racionalismo, do ideologismo e do arcaísmo”, mas

com uma visão “que reconhece na dimensão simbólico-mítica do jornalismo uma dimensão imaginativa, que nos convida a uma experiência estética” (Silva & Maia 2011, p. 122).

É verdade que a presente reflexão chega a flertar com a ensaística de Juremir da Silva, para quem o jornalismo contemporâneo incorpora “os elementos da narrativa dramática, como se fosse uma ficção, uma novela, uma intriga, com personagens, tensão crescente, trama, desfecho, oposição marcada de papéis (bem e mal), simulação de contradições para dar profundidade psicológica aparente aos personagens” (Silva 2003, p. 107).

Ocorre, no entanto, que Gislene atribui protagonismo ao jornalismo como “tecnologia de criação e reprodução de imaginários sociais, como fonte que alimenta com imaginários o cotidiano contemporâneo e, ao mesmo tempo, de imaginários sociais alimenta a si mesmo” (Silva 2010, p. 250). Enquanto ele, sem negar este aspecto, chama atenção para a sujeição do jornalismo à lógica do espetáculo, pois é este que “predomina e impõe a sua técnica, a sua forma de narrar o que acontece, a sua visão do acontecimento” (Silva 2003, p. 107).

Significa que, na reflexão de Gislene, por fim, o jornalismo emerge como uma força de ordem criativa que impulsiona o público à ação: os leitores encontrariam nas notícias elementos para experimentar novas possibilidades estéticas, para nutrir sonhos ainda não concretizados. No ensaio de Juremir, pelo contrário: a tendência é que a audiência passe da ação à contemplação através de um jornalismo cada vez mais espetacular.

5 Jornalismo como potencial gerador de mitos — Ana Taís Barros

À luz das teorias francesas, Ana Taís Barros também confrontou os ideais jornalísticos de exatidão, clareza, imparcialidade e precisão, ao mesmo tempo que pensou o jornal como potencial gerador de mitos. *Jornalismo, magia, cotidiano* (2001) e *Sob o nome de real: imaginários no jornalismo e no cotidiano* (2008) são, respectivamente, os resultados de sua dissertação e tese, sob orientação de Edvaldo Pereira Lima e Cremilda Medina na Universidade de São Paulo³.

³ Quem demonstrou identificação por essa linha de reflexão foi Renato Modernell (2012), concordando com Barros de que imaginação participa ativamente das práticas jornalísticas, apesar destas serem regidas tradicionalmente por ideais de objetividade e imparcialidade. O autor procurou sustentar que a escrita

Na pesquisa de mestrado, tem-se um estudo de caso do jornal semanário *Panorama*, que circula no município de Taquara, interior do Rio Grande do Sul. A estudiosa partiu para a observação participante, junto aos jornalistas e à comunidade gaúcha, carregando consigo o pressuposto de que “o jornalismo desvaloriza as histórias cotidianas em nome da história oficial, ignorando a produção simbólica e desincumbindo-se burocraticamente da mediação” (Barros, 2001, p. 25). Quando, na verdade, ainda segundo ela, o jornalista deveria prezar pela comunicação, enquanto prática dotada de sensibilidade compreensiva, o que lhe exigiria estar conectado com as pessoas em suas práticas cotidianas.

O que a professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul observou, ao tomar nota do jornal semanário, foram matérias dominadas por vozes de fontes oficiais, negligenciando o protagonismo das pessoas comuns que integrariam a comunidade interiorana. A imprensa comunitária, portanto, já não seria mais um caso de jornalismo enquanto produção simbólica, como supunha no começo da pesquisa, sendo sucumbida pela produção burocrática tal como acontece na grande imprensa, ao privilegiar “textos extremamente secos, com vocabulário reduzido” (Barros 2001, p. 78).

A análise do jornalismo mergulhada em especulação sobre o imaginário foi aprofundada na tese doutoral. Desta vez, porém, seu objetivo era confrontar o imaginário sustentado pelo noticiário de impressos em Porto Alegre — *Zero Hora* e *Correio do Povo* —, com o imaginário circulante nas ruas da capital gaúcha. O estudo do cotidiano da cidade seria cruzado com a proposta de narrativas jornalísticas complexas de Medina (1990). A sua principal suposição “é de que o jornalismo, ao contrário do que alardeia, não se escora no comumente chamado real, e sim no imaginário” (Barros 2008, p. 38).

Depois de revisão do conceito de imaginário nos escritos filosóficos de Gilbert Durand e nos estudos sobre o cotidiano de Michel Maffesoli, a estudiosa teceu reflexão sobre as matérias levantadas, expôs entrevistas realizadas com repórteres de ambas redações, e trouxe para a análise elementos da vida dos

jornalística implica em variados graus de fabulação. Seria impossível, para ele, dissociar realidade e ficção, uma vez que as qualidades do real e da fantasia interagem o tempo inteiro no jornalismo contemporâneo.

sujeitos narrados. Assim, fez uso de um conjunto variado de procedimentos metodológicos conferidos em sua dissertação.

Entretanto, diferentemente do que ocorreu na pesquisa de mestrado, a excessiva especulação vista na tese não beneficiou o exame do jornalismo praticado pela imprensa periódica de Porto Alegre. Em vez de conhecer em detalhe as tendências jornalísticas, trabalha-se de modo que os impressos sirvam de exemplo para ilustrar a teoria. Significa que se fica sem saber quais são os principais atributos de cada jornal, ou ainda no que eles se assemelham e se distinguem editorialmente. É dito em termos genéricos que os textos levantados “refletem o desencarnamento da vida pulsante, e orquestram as informações com a mesma sensaboria da captação, acentuando ainda mais o distanciamento entre o saber institucionalizado e o senso comum” (Barros 2008, p. 130).

A conclusão que chega a autora, portanto, é a de que existiria uma incongruência entre o imaginário jornalístico e o imaginário no cotidiano que pautou a imprensa local. Fato este que impediria o jornalismo de manter diálogo profundo com o universo simbólico no qual está instalado, de realizar todo o seu potencial de gerador de mitos, embora não deixe de exercer um papel mítico pelo fato de publicar informações diariamente.

Esta falta de harmonia entre eles, por outro lado, ampliaria o desafio do fazer jornalístico, a começar pela necessidade de abertura para a alteridade. “Isso significa comunicação de ser humano para ser humano. A pretensão de explicar o real se esvai, ficando a angústia de compreender o desejo mítico do outro. A reportagem daí nascida não servirá para explicar o mundo, e sim para dizer um pouco do seu mistério” (Barros 2008, p. 179).

Considerações finais

Apesar do repertório teórico compartilhado pelos estudiosos brasileiros do imaginário — notadamente a filosofia antropológica de Gilbert Durand e a sociologia do cotidiano de Michel Maffesoli —, evidenciou-se que delas derivam ideias com alguma similitude sobre o jornalismo, mas análises com

significados distintos sobre o fenômeno noticioso. Para concluir, basta recuperar os principais achados que foram identificados na leitura das teses de Ana Taís Barros, Gislene Silva, Vera França, e da ensaística de Juremir Machado da Silva.

Barros (2001 p. 83) tomou nota de textos secos repletos de fontes autorizadas que dão pista do caráter conservador da imprensa comunitária, espelhada no estudo de caso de um semanário interiorano. Assim sendo, até o jornalismo mais local aderiria a um modo de produção noticiosa burocrática em vez de simbólica. Por outro lado, Vera França (1998, p. 222) encontrou um diário regional que se conduz por uma linha especialmente simbólica, em fina sintonia com a dinâmica da vida social na qual é produzido.

Enquanto Barros (2010, p. 140) sublinhou um “completo desligamento entre o imaginário jornalístico e o imaginário do cotidiano” ao acompanhar dois periódicos porto-alegrenses, Gislene Silva (2009, p. 265) percebeu uma revista rural com matérias capazes de alimentar o imaginário de seus leitores, fornecendo-lhes ricas experiências estéticas. Por fim, Juremir da Silva (2012) versou sobre um jornalismo espetacular, que está sendo ameaçado pela publicidade e engolido pela lógica do entretenimento na internet.

Significa que, em última instância, o exame desses estudos revela a existência de um campo poroso no qual, embora exista consenso em torno do núcleo teórico, o que prevalece são análises com resultados conflitantes sobre o fenômeno jornalístico na contemporaneidade.

Agradecimentos

À colega e amiga Larissa Fraga pela revisão do texto.

Referências bibliográficas

- Barros, A. T. M. P. (2010). *Comunicação e imaginário – uma proposta metodológica*. *Revista Intercom*, 33 (2), 125-143.
- Barros, A. T. M. P. (2001). *Jornalismo, magia, cotidiano*. Canoas: Editora Ulbra.
- Barros, A. T. M. P. (2008). *Sob o nome de real: imaginários no jornalismo e no cotidiano*. Porto Alegre: Armazém Digital.
- Daros, O. (2021). French theoretical and methodological influences on Brazilian journalism research. *Media, Culture & Society*, (0) 0, 1-12.
- Durand, G. (1960/1997). *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes.

- França, V. V. (1995). Comunicação e sociabilidade: o jornalismo mais além da informação. *Geraes*, 47, 36-42.
- França, V. V. (1998). *Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- França, V. V. (2001). Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? *Ciberlegenda*, 5, 1-19.
- França, V. V. (2016). Partilhando experiências: a atração e o desafio da comunicação. In: Vassallo de Lopes, Maria Immacolata (Org.). *Epistemologia da comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas*. São Paulo: ECA-USP, p. 209-224.
- Maffesoli, M. (2001). O imaginário é uma realidade. *Revista Famecos*, 15, 74-82.
- Medina, C. (1990). *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática.
- Modernell, R. (2012). *A notícia como fábula: realidade e ficção se confundem na mídia*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie: Summus.
- Motta, L. G. (2005). A pesquisa em jornalismo no Brasil: o confronto entre os paradigmas midicêntrico e sociocêntrico. *Eptic*, 7 (1), 3-25.
- Motta, L. G. (2003). Para uma antropologia da notícia. *Revista Intercom*, São Paulo, 25 (2), 11-41.
- Mouillaud, M., Porto, S. D. (1997). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15.
- Silva, G. (2010). Imaginário coletivo: estudos do sensível na teoria do jornalismo. *Revista Famecos*, 17 (3), 244-252.
- Silva, G. (2019). Interdisciplinaridade como caminho para a abertura teórica do jornalismo. Entrevista a Paula de Souza Paes e Gabriela Cavalcanti Carneiro de Almeida. *Revista Âncora*, 6 (1), 117-132.
- Silva, G. (2009). O sonho da casa no campo: jornalismo e imaginário de leitores urbanos. Florianópolis: Insular.
- Silva, G., Maia, F. D. (2011). Sobre a perspectiva dominante nos estudos da dimensão simbólico-mítica das notícias. *Revista Galáxia*, 21, 113-124.
- Silva, J. M. (2000). *A miséria do jornalismo brasileiro: as (in)certezas da mídia*. Petrópolis: Vozes.
- Silva, J. M. (2009). A questão da técnica jornalística: cultura e imaginário. *Revista Famecos*, 39, 13-18.
- Silva, J. M. (2003). *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina.
- Silva, J. M. (2012). *A sociedade midíocre: passagem ao hiperespetacular (o fim do direito autoral, do livro e da escrita)*. Porto Alegre: Sulina.
- Silva, J. M. (2006). O governo Lula em revista: o jornalismo como fenômeno de descobrimento (a cobertura de Veja). *Revista Famecos*, 29, 7-15.
- Silva, J. M. (2017). *Raízes do conservadorismo brasileiro: a abolição na imprensa e no imaginário social*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

